

“Não dá pra discutir política sem ter medo”: Narrativas de estudantes universitários durante o período eleitoral de 2018.

“You can’t discuss politics without being afraid” Narratives of university students during the 2018 election period.

Ana Claudia Knih de Camargo*

Gabriel Sousa Gonçalves*

*Graduandos de antropologia na UnB.

Resumo

Durante todo o período das eleições presidenciais de 2018, surgiram diversos relatos de universitários em sofrimento, que associavam mudanças ocorridas com a própria saúde mental ao momento político vivido no país. Analisando entrevistas de 20 alunos de graduação de cursos variados, e destacando a questão “Como esse momento eleitoral influen-

cia sua permanência aqui na universidade?”, buscamos compreender se - e como - as eleições de 2018 afetaram a saúde mental dos estudantes da Universidade de Brasília. O foco nas narrativas construídas por esses estudantes nos ajuda a refletir sobre os sentimentos causados pelo momento político, valorizando a narrativa dos próprios sujeitos em sofrimento psíquico, suas vivências e subjetividades, a partir das categorias de gênero, raça e classe. Aqui, procuramos mostrar como essas categorias permeavam intensamente os discursos desses sujeitos em sofrimento, de forma que esses corpos em específico eram mais afetados pelos discursos antimino-riais constantemente propagandeados durante as eleições.

Palavras-chave: Antropologia, Saúde Mental, Eleições, Política.

Abstract

Throughout the 2018 presidential election period, sev-



eral reports emerged of university students in distress, who associated changes that occurred with their own mental health to the political moment experienced in the country. Analyzing interviews of 20 undergraduate students varied courses, and highlighting the question “How does this electoral moment influence your stay here at the university? ”, we seek to understand whether - and how - the 2018 elections affected the mental health of students at the University of Brasilia. The focus on narratives constructed by these students helps us to reflect on the feelings caused by the political moment, valuing the narrative of the subjects themselves in psychological distress, their experiences and subjectivities, from the categories of gender, race and class. Here, we look for show how these categories intensely permeated the speeches of these subjects in suffering, so that these specific bodies were more affected by anti-minority speeches constantly advertised during the elections.

Keywords: Anthropology, Mental Health, Elections, Politics.

1 O cenário político

Diversas/os estudantes da Universidade de Brasília relataram que tiveram a saúde mental afetada ao longo do mês de outubro, período das eleições de 2018. A polarização que marcou as eleições brasileiras de 2018 se deu entre os candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL). Estes partidos representavam tendências políticas de centro-esquerda e extrema direita, respectivamente, o que gerou um sentimento intenso de “nós contra eles” de ambos os lados. As disputas simbólicas dadas em termos de discursos marcadamente opostos dos dois candidatos e seus eleitores foram evidentes. Foi alarmante, também, a propagação de ódio contra minorias sociológicas partindo da figura de Jair Bolsonaro e seus eleitores.

Além dessas disputas discursivas, as bandeiras utilizadas durante a campanha foram representações demarca-



das, sendo elas mesmas outro exemplo perceptível de disputa simbólica que se acirrou durante o período eleitoral. De um lado, estavam as cores presentes na bandeira do Brasil (usadas sobretudo na campanha do PSL), e de outro, estava a cor vermelha que, durante um longo período, foi utilizada para representar o Partido dos Trabalhadores (PT).

Ocorre uma radicalização de imagens e personagens que são contrapostas. (...) uma campanha política é essencialmente conflito simbólico, cujas regras do jogo são a exacerbação da diferença, o enaltecimento de aptidões e a tentativa de apropriação de valores que expressam o centro da vida social. (Barreira, 1996, p. 11).

Em uma palestra apresentada em novembro no Departamento de Antropologia da UnB, o pesquisador da área Benjamin Junge apontou que a extrema diferença de opiniões entre os discursos ocorria de uma possível crise moral como principal fonte do problema no Brasil (2018, comunicação pessoal). Assim, a solidez de valores aparentemente

estáveis, como os direitos humanos, não se sustentaria mais. Parecia haver uma incomunicabilidade parte à parte, uma falta de diálogo entre os apoiadores de cada partido que tensionava ainda mais essa disputa já tão polarizada.

Nessa esfera de disputas simbólicas onde a imposição de uma figura política depende, além de fatores externos, de sua aceitação carismática e passional por parte do eleitorado, adquire relevância incontestável o apelo e utilização dos sentimentos e emoções nos discursos e narrativas políticos. (Bezerra, 2007, p.3)

Assim, para iniciar essa discussão, precisamos localizar o que entendemos como o período eleitoral e porque acreditamos que ele teve grande influência ao afetar diretamente a saúde mental dos alunos da Universidade de Brasília. Como afirma Bezerra (2007), “o período de campanha eleitoral representa mais do que um momento de jogos de estratégia e táticas empregadas para alcançar a vitória, representa um evento catalisador de valores sociais.” (p.3). Diversas



dimensões da vida cultural se evidenciam explicitamente durante as circunstâncias eleitorais. Segundo um dos entrevistados, durante as eleições “as pessoas com seus preconceitos estão saindo do armário, né” - disse, em referência aos discursos de ódios presentes no período, completando com: “Hoje em dia já se vê umas situações que por exemplo ano passado não acontecia” - deixando claro não somente a evidência desses discursos, mas também sua gravidade.

Entendemos a saúde mental como um tema extremamente impactante dentro das universidades e que deve ser discutido com urgência devido aos altos índices de ansiedade, depressão e sofrimento psíquico em que se encontram diversos alunos[1] de graduação. Ao longo do trabalho, pretendemos focar nas narrativas contadas por esses estudantes como uma tentativa de valorizar suas diversas vivências, entendendo-os como atores sociais e experts em suas próprias histórias, ou ainda, “experts por experiência” (Andrade e Maluf, 2011). É im-

portante, ainda, destacar dois processos que podem ter causado sofrimento aos alunos da Universidade de Brasília: (1) O sentimento de silenciamento gerado pela polarização, que pode ser percebido entre os eleitores de ambos os candidatos; (2) A ansiedade e o medo gerados pela possível candidatura do candidato Jair Bolsonaro, cujo discurso atacava minorias e colocava em risco a integridade, condições de estudo e trabalho dos entrevistados que se opunham à candidatura de Jair Bolsonaro. [2],

2 Metodologia

A atual pesquisa foi feita coletivamente por todas as integrantes da disciplina de graduação “Antropologia da Saúde”, cuja bibliografia foi voltada para temas relacionados à saúde mental estudados pela ótica antropológica. A disciplina foi ofertada e ministrada no segundo semestre de 2018 pela professora Soraya Fleischer. Sua proposta de pesquisa se deu de forma experimental e coletiva, onde as estudantes montaram todas as etapas da disciplina em conjunto.



Orientada pela professora, a turma escolheu a bibliografia a ser lida, montou o roteiro das entrevistas e saiu à campo pelos corredores da Universidade, de forma que as entrevistadoras estivessem sempre em dupla. Os resultados de todas as entrevistas realizadas foram compartilhados e discutidos entre as estudantes[3], e serviram como base para todos os trabalhos entregues ao final do curso, incluindo este.

O roteiro de entrevistas que utilizamos contava com uma pergunta específica sobre as eleições, sendo ela: “Como esse momento eleitoral influencia sua permanência aqui na universidade?”. Dentro do universo de 50 entrevistas feitas com estudantes, funcionários, trabalhadores terceirizados e frequentadores da universidade, nossa pretensão inicial era a de analisar as respostas de todos os estudantes de graduação entrevistados, perfazendo um total de 35 entrevistas. Dentro desse recorte, posteriormente optamos por trabalhar com as 29 entrevistas em que os estudantes se sentiram de alguma

forma influenciados diretamente pelo período eleitoral, eliminando as que consideravam o momento irrelevante. Descartamos, ainda, 9 respostas positivas à questão que, no entanto, eram monossilábicas e não nos forneciam dados analíticos relevantes dentro da nossa proposta de fazer elaborações qualitativamente aprofundadas. Finalmente, ficamos com 20 entrevistas de estudantes que sentiram que o momento eleitoral influenciou de alguma forma a sua própria permanência na universidade e discorreram, mesmo que brevemente, sobre o assunto. Para a proteção de nossas interlocutoras, todos os nomes expostos durante o artigo são pseudônimos.

Vale ainda destacar que nossa escolha pelas respostas dos alunos afetados pelo momento eleitoral é também fruto da nossa própria inquietação com o cenário político e da compreensão de que possuímos saberes situados (Haraway, 1995). Enquanto alunos e autores percebemos que não conseguiríamos, ou sequer desejaríamos, nos afastar de nossos



posicionamentos políticos ao longo do processo de escrita do artigo e nos desprender das nossas próprias percepções e experiências que nos apontam, de fato, para a influência do momento eleitoral na saúde mental dos alunos da universidade.

Entendemos, ainda, ser impossível nos desvincular das nossas próprias angústias frente ao projeto de desmonte que pode se intensificar entre as políticas públicas e sociais, o retrocesso das ações afirmativas ou pautas que tangem os direitos humanos, e, principalmente, os discursos de ódio que há tempos vêm sendo proferidos e disseminados contra minorias sociais. Ambos os autores apoiaram o candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad, e consideram que os discursos propagados pelo candidato do Partido Social Liberal são violentos aos grupos historicamente vulneráveis no contexto brasileiro, assim como um ataque à democracia do país como um todo.

Enquanto estudantes de Antropologia de uma universidade pública, sentimos ainda a responsabilidade de

não nos omitir frente à esses ataques, e reconhecemos a importância vital de se fazer uma antropologia posicionada em tempos de crise (Maluf, 2018), que não se silencie e que sirva de instrumento de reflexão para os últimos acontecimentos relacionados ao nosso recorte. Assim, na pretensão de sermos honestos com quem lê, e também com as nossas próprias convicções, reforçamos que esse artigo não possui nenhuma intenção de ser isento ou neutro, pelo contrário, consiste em um trabalho escrito por dois estudantes de graduação que também tiveram, de certa forma, sua saúde mental influenciada e afetada pelo período eleitoral de 2018.

Todas as entrevistas foram realizadas no mês de outubro, em três diferentes datas: 17/10, 20/10 e 22/10, ou seja, período entre o primeiro e o segundo turno - ocorridos nos dias 07/10 e 28/10/2018, respectivamente. As entrevistas foram realizadas de forma anônima, mas obtivemos dados em relação à idade, gênero, autodeclaração de



cor, local de moradia e curso dos entrevistados, pontos esses extremamente importantes para situar suas narrativas.

A importância de uma ética de devolutiva dentro da Antropologia, assim como muitas das questões envolvidas nesse âmbito como as relações de poder entre pesquisadora(o) e pesquisada(o), autoria e responsabilidade (Fleischer, 2015) relacionadas à essa prática foram muito discutidas ao longo de nosso semestre dentro da disciplina. Compreendendo que a devolução de dados não é um complemento ou acréscimo da pesquisa, mas um ritual que faz parte do processo de pesquisa em si (Andrade e Maluf, 2017) seguimos a proposta da professora de escrever encaminhamentos propositivos de alternativas ou soluções. Esses encaminhamentos estão alocados ao final deste trabalho, e foram escritos e pensados integralmente com base nas entrevistas que analisamos, sendo mais uma colagem de todas as reflexões interessantes que apareceram ao longo de nossas conver-

sas com os entrevistados do que ideias originais dos autores.

3 “Não dá pra discutir política sem ter medo de falar alguma coisa e alguém ficar com raiva de você”: Quais são os sentimentos por trás das narrativas desses estudantes?

A Universidade de Brasília se localiza a apenas quatro quilômetros do Congresso Nacional, epicentro da política brasileira. A aflição recorrente do cenário eleitoral não deixou o projeto democrático de Darcy Ribeiro imune, mostrando-se, como já citamos, presente nas narrativas de muitos estudantes da universidade. Categorias como “medo”, “incerteza”, “polarização”, “instabilidade” foram recorrentes entre nossos entrevistados. Era comum ainda que ligassem essas categorias à recortes de classe, gênero, raça e sexualidade, o que demonstra a dimensão política dos sujeitos que sentiram negativamente influenciados pelos discursos referentes ao candidato da extrema direita. Apresentaremos aqui um breve relato, que



experimentamos trazer em formato de etnoficção, feito com base na experiência vivida de um dos estudantes entrevistados:

Pedro[4] cursa Psicologia na UnB. Na semana que se seguiu após o resultado do primeiro turno - ocorrido em 7 de outubro de 2018 - uma de suas professoras disponibilizou algum tempo da aula para fazer uma roda de conversa entre os estudantes, “na direção de acolhimento, para a gente falar sobre como a gente estava se sentindo sobre a questão política.” Em menos de dez minutos de aula, porém, Pedro e alguns colegas próximos tiveram que se retirar da sala para tentar acalmar uma amiga afetada pela discussão, que tremia e chorava copiosamente. “Então, fazia tempo que eu não via uma pessoa em estado de desespero. Esse dia eu vi uma pessoa em estado pleno de desespero”, relatou.

Pedro entende que esse fato se deu por sua amiga ser uma mulher negra e lésbica. Tentou consolá-la, mas também estava imerso em suas próprias angústias. Sua comoção com o

ocorrido não vinha unicamente da empatia que nutria por sua amiga, mas também de sua própria posição enquanto membro da comunidade LGBT. “Eu acho que tá afetando a gente né. A gente se sente muito agredido por esses discursos”, disse. Durante o período nos deparamos constantemente com discursos que pregavam o ódio contra mulheres, negros e LGBT’s, citando apenas alguns exemplos. Ele já havia discutido sobre o cenário eleitoral com membros de sua família e outros colegas da UnB, e acreditava que seus laços afetivos dentro e fora da universidade estavam sendo abalados pelo momento político. Sentia-se amedrontado pela dimensão material e física que poderiam tomar os discursos de ódio que estavam, em sua percepção, tornando-se mais frequentes durante o período eleitoral.

A história narrada por Pedro mostra, como buscamos discutir, de que forma noções de gênero, sexualidade e raça podem estar associadas a uma intensificação do sofrimento psíquico vividas por esses estudantes. A proposta de Sônia



Maluf de se fazer uma “antropologia do sujeito”(Maluf, 2013) é baseada na discrepância entre o indivíduo neutro (branco, homem, Ocidental) e o sujeito político (situado, cujo corpo biológico apresenta traços socialmente tidos como desviantes, como negros, indígenas, mulheres, pessoas com deficiência). Ao pensarmos na questão da saúde mental, consideramos importante frisar que as situações de preconceito, insegurança e o sentimento de pouco apoio direcionado a esses grupos pode ser justamente um fator agravante para o sofrimento psíquico entre esses sujeitos políticos e situados.

Assim, o cenário eleitoral pode ter servido como um catalisador que intensificou esse sofrimento, afetando em maior grau esses corpos desviantes. Segundo a antropóloga Maria Lucia da Silveira, ao referir-se às categorias de nervoso dentro da Antropologia, “a construção cultural da doença não é monolítica; ao contrário, ela pode conter variações individuais de classe, gênero e circunstâncias” (2000, p. 22.).

Como apontou um dos nossos interlocutores—jovem, negro, morador da Ceilândia e estudante do curso de Artes Cênicas:

“A gente tá numa situação política em que a gente... acho que é algo em que o brasileiro sempre esteve... não é que o brasileiro faz más escolhas é que ele não... eles não tem boa opções, a gente tá entre o ruim e o menos pior. (...) Nesse período eleitoral eu pensei no segundo turno mais ou menos assim, buscar alguém que busque o foco... em que eu posso buscar uma visão de terminar minha graduação, seguir meu mestrado, quem sabe meu doutorado, mas na situação em que eu vejo é... é complicado porque estamos a beira de colocar no poder o inominável (risos) e olha só, eu sou bissexual, preto, periférico... então meio que, sei lá, quais são as chances que a gente tem na sociedade?” (grifo nosso)

Dessa maneira, o cenário eleitoral pode ter servido como instrumento para promover a expressão pública e explícita de discursos de ódio que antes, em grande parte, eram velados, fazendo com que o sentimento de insegurança em



relação ao futuro tenha se intensificado. Referências em relação à própria situação financeira também foram muito comuns quando perguntamos sobre o cenário político. Obtivemos uma considerável quantidade de respostas relacionadas ao medo de uma possível privatização das universidades públicas no Brasil, além de discursos que confessavam o medo de se cortarem as bolsas e assistências de permanência para alunos de baixa renda, à uma discreta comemoração de uma estudante feliz por já estar se formando. Como nos contou um aluno negro do sexto semestre do curso de Biotecnologia:

“Ah, não sei o que vai acontecer ano que vem, pode acontecer tanta coisa diferente e provavelmente vai acontecer uma coisa não muito boa. E sei lá... Eu sou aluno da assistência né, então pode ser que tenha um impacto negativo na minha permanência na universidade, sei lá, as coisas que a gente vê são bem radicais. Se acontecer é uma coisa que pode influenciar a sei lá, a eu evadir. Não sei. Vai ser difícil.” (grifo nosso)

Em relação à área, dos diferentes cursos dos 20 alunos cujas entrevistas analisamos, 14 eram de cursos pertencentes às Humanidades, 5 de exatas e 1 de saúde. As incertezas em relação às perspectivas acadêmicas para o futuro apareceram muito mais entre os alunos de alguns cursos específicos das Humanas, como História e Filosofia. Conforme uma estudante do segundo semestre de Filosofia, moradora de São Sebastião, nos relatou:

“Fico pensando se vou conseguir me formar, até porque o curso de humanas eu não sei o que vai acontecer amanhã. Ainda mais com a licenciatura, esse tanto de reforma, eu não sei se eu vou ter emprego, eu não sei se vou continuar na licenciatura...”

Asensação de falta de liberdade para expressar as próprias opiniões políticas dentro da universidade apareceu como um fator que agravou o desconforto dos estudantes durante esse período. A percepção geral entre os entrevistados é que, diferentemente de eleições passadas[5], agora havia pouco espaço para discutir sobre política de forma não violenta. Um debate



que discutisse planos de governo, políticas públicas e perspectivas econômicas ficava de escanteio frente à tantas emoções causadas pela polarização, e muitas vezes era silenciado.

Muitos dos alunos associaram o sentimento de angústia justamente à impossibilidade de se ter um diálogo saudável com os seus opositores devido ao medo de represálias. Isso foi uma queixa recorrente entre os alunos eleitores dos dois candidatos: ambos acreditavam que não poderiam expressar a própria opinião publicamente. Esse é o relato de uma estudante do curso de Gestão de Políticas Públicas - branca e moradora do um bairro próximo à universidade - que exemplifica o que discutimos aqui:

“Acho que esse é o período do ano e da minha vida que tô mais triste, sei lá. Assim, a gente nota que teve um clima muito... acho que é ódio mesmo que as pessoas sentem, por tal partido, por tal candidato, aí às vezes a gente não consegue... às vezes o professor quer propor um debate, alguma coisa assim, sobre os planos de governo, não sobre as pessoas, aí as pessoas não conseguem trabalhar essas coisas,

elas ficam muito presas ao ódio que elas sentem das coisas, aí não dá pra discutir política sem ter medo de falar alguma coisa e alguém ficar com raiva de você, sei lá, até te perseguir, não sei, as vezes dá a impressão que é assim.”

Essa citação ilustra a percepção de um cenário hostil vivenciado pelos estudantes universitários durante o período eleitoral, onde os alunos se sentiam impedidos de se expressar e construir um debate produtivo dentro do próprio espaço acadêmico que frequentavam. Como os entrevistados trouxeram, esse cenário não somente os assustava, mas também os preocupava intensamente, já que estava afetando, e poderia afetar ainda mais, suas jornadas acadêmicas, o mercado de trabalho relacionado aos seus próprios cursos de graduação, além de influenciar suas convivências com familiares, amigos e colegas.

4 Considerações finais

Dentro de nossa posição dualística enquanto entrevistadores e alunos, em uma aproximação intensa entre o ser na-



tivo e o ser pesquisador, nos sentimos desafiados pela proposta de transformar em campo a nossa própria universidade, tomar como mote de reflexão algo que faz parte da nossa rotina e do qual ativamente participamos. Como trouxemos no início deste trabalho, juntamente com o desafio de se estranhar o familiar (Velho, 1978) pensar uma alteridade extrema dentro desse campo exigiria nos atentarmos para nossos próprios limites. Por isso, optamos por tornar nossa opinião em relação ao cenário político evidente, e expressar que, assim como nossos interlocutores, nós também tivemos nossa própria saúde mental afetada pelo momento eleitoral, e nos mantivemos discordantes de qualquer projeto que se mostre negligente aos direitos humanos ou que proponha manter em pleno vapor o desmonte e ataque às políticas públicas no cenário brasileiro.

Entendemos, então, as eleições presidenciais de 2018 como um fato social total (Mauss, 2003) que movimentou todos os aspectos da sociedade brasileira. Foi um fenômeno que exer-

ceu um amplo impacto em diversas dimensões da vida política, econômica, familiar, jurídica e moral de milhões de brasileiros, tendo impactado ainda, como mostramos ao longo do texto, a dimensão psíquica de muitos desses sujeitos. O cenário eleitoral gerou, ainda, momentos de debates intensos relacionados a identidade nacional e discursos nacionalistas de proporções comparadas às que ocorrem durante uma Copa do Mundo, outro vigoroso “fato social total brasileiro” (Gastaldo, 2013).

Isso, como trouxemos ao longo do texto, somado à polarização extrema que se deu entre os dois candidatos e seus eleitores, afetou o bem-estar mental de diversos estudantes da Universidade de Brasília, como exemplificado pelo caso de Pedro e sua amiga, apresentado ao longo deste texto. Em seus discursos, recortes de gênero, raça, classe e sexualidade eram bastante comuns, juntamente à preocupações com o futuro das instituições públicas, como a própria universidade, ou em âmbitos mais localizados, como entre os cursos das



áreas de Humanas. O sentimento geral entre os estudantes era, ainda, do medo das represálias ao expressar sua opinião política dentro desses espaços. Todos os relatos analisados nos remetem a um grande clima de disputa, clima esse extremamente marcado por discussões e debates tidos como violentos ou, no mínimo, pouco receptivos a opiniões divergentes.

O impacto dos discursos de ódio proferidos contra determinados grupos sociais foi um dos pontos que mais se fez presente nas narrativas dos entrevistados, onde também se sobressaíram diversos sentimentos categorizados pelos estudantes como “medo”, “tristeza”, “insegurança”, “silenciamento.” O clima generalizado de desconforto e incertezas presente dentro do espaço acadêmico e explicitado pelas categorias citadas pode ter contribuído para intensificar e, inclusive, gerar novas experiências prejudiciais para a saúde mental de diversos estudantes.

Percebemos que houve, em certo nível, um fenômeno abrangente dentro da universidade que, por todos os motivos

já citados, gerou um tipo de adoecimento coletivo entre muitos dos alunos que frequentaram a UnB durante o período eleitoral. E se há um fenômeno que se aproxima da compreensão universal entre os estudantes cujas narrativas analisamos aqui, independente da intenção de voto dos entrevistados, foi o de que não havia uma real liberdade de expressão em relação à política dentro dos espaços frequentados pelos alunos. Em alguma medida, o entendimento comum parecia ser o de que expressar a opinião política de forma pública seria estar vulnerável à violências físicas e simbólicas. As consequências disso se deram de forma ambígua: assim como afastou laços entre pessoas que divergiam de opinião, também estreitou entre os que concordavam, fazendo com que as redes de convivência e apoio dos alunos entrevistados fossem reorganizadas.

Resta analisar, ainda, futuramente e em uma abordagem mais aprofundada desta pesquisa, as consequências diretas do momento eleitoral de 2018 entre os estudantes que



se sentiram psicologicamente afetados em termos de desempenho acadêmico, de relações sociais entre seus pares e outras categorias (como professores e funcionários da universidade) e de outros aspectos que permitam confirmar nossas hipóteses, inicialmente apresentadas neste trabalho.

5 Encaminhamentos

Pensar encaminhamentos talvez tenha sido para nós a tarefa mais difícil. Durante as entrevistas se percebia de forma clara o medo e a insegurança que as pessoas sentiam em relação a possível eleição do programa eleitoral que proclamava e apoiava o discurso de ódio, a intolerância e o conservadorismo. Hoje sabemos do resultado da eleição e foi justamente esse o programa eleito. Sabendo disso, nossos encaminhamentos vão no sentido de atuar como “redução de danos”, e esperamos que possam auxiliar os alunos da universidade em relação aos diversos sentimentos vividos durante as eleições:

- Cabe à universidade, enquanto instituição, cuidar e manter a integridade física e mental de seus alunos. Sendo assim, ela deve repensar suas medidas de segurança, de forma que estas sirvam para efetivamente reduzir o medo e a insegurança dos alunos em relação à ameaças de cunho racistas, machistas, xenofóbicas e LGBTfóbicas. Ao prezar pela liberdade de opiniões e ter como objetivo fomentar o senso crítico e debate saudável entre seus estudantes, ela também deve se posicionar contra qualquer ameaça ou proposta que vise a censura e a liberdade de expressão de seus professores e alunos, garantindo o pleno exercício da democracia;

- Alguns estudantes entrevistados entendiam que por onde se ia dentro da universidade não se ouvia falar em outra coisa senão o momento eleitoral. Dessa forma, entendendo a tensão que se espalhou pelo campus, buscar ajuda em outras redes de apoio fora da UnB pode ser uma boa saída para lidar com o problema;



- Mesmo com tantos rompimentos de laços, a polarização ocorrida também ocasionou a união de diversos setores e grupos que pode ser percebida em campanhas propagadas pelas redes sociais como por exemplo a “ninguém solta a mão de ninguém.” Se apegar também nas coisas boas resultantes desse processo nos ajuda a ter uma visão menos pessimista e caótica da situação.

Agradecimentos

Agradecemos à todos os nossos interlocutores, que gentilmente aceitaram a proposta de falar sobre um tema tão sensível como saúde mental em nossas entrevistas; à todas as nossas colegas de turma da disciplina, que conviveram conosco ao longo desse semestre e contribuíram com a nossa pesquisa de diversas formas, sobretudo pelos debates construtivos que tivemos em sala de aula; agradecemos também à professora

Soraya Fleischer, sempre perspicaz e querida com todas as estudantes, que propôs a idéia da pesquisa coletiva entre a turma e focou nossas leituras em temas de Saúde Mental. Agradecemos, ainda, à UnB por nos fornecer um ambiente de estudo e aprofundamento de debates e de senso crítico, e, por fim, à liberdade de expressão, tão importante em momentos de crise.

Notas:

- [1] “Casos de suicídio motivam debates sobre saúde mental nas universidades”: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-08/casos-de-suicidio-motivamdebate-sobre-saude-mental-nas-universidades> (acesso em 08/08/2018).
- [2] Optamos por colocar “entrevistados que se opunham à candidatura de Jair Bolsonaro” já que os entrevistados se colocavam nessa posição. Não podemos afirmar, no entanto, que esses entrevistados eram eleitores do candidato Fernando Haddad, apesar da evidente polarização.
- [3] O uso do artigo feminino foi uma opção de posicionamento político das autoras, visto que na turma também havia estudantes homens, ainda que em menor quantidade.
- [4] Nome fictício para proteger a identidade do interlocutor.



[5] Nos referimos às eleições presidenciais de 2014, onde a disputa do segundo turno se deu entre Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB).

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Ana Paula Müller de; MALUF, Sônia Weidner. Loucos/as, pacientes, usuários/as, experientes: o estatuto dos sujeitos no contexto da reforma psiquiátrica brasileira. *Saúde debate*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 112, p. 273-284, Mar. 2017.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Ritual e Símbolo na Política. *Cadernos Ceru – Série 2*, nº 7, 1996.

BEZERRA, Ada Kesea Guedes. Sentimentos e emoções no espaço da política: Uma leitura da prática eleitoral no cenário midiático. 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bezerra-ada-sentimentos-e-emocoes-no-espaco-da-politica.pdf>>.

FLEISCHER, Soraya. Autoria, subjetividade e poder: devolução de dados em um centro de saúde na Guararoba (Ceilândia/DF). *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 9, p. 2649-2658, Sept. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232015000902649&lng=en&nrm=iso>.

GASTALDO, Édison. O fato social total brasileiro: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da copa do mundo no Brasil. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 185-200, Dec. 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *cadernos pagu* (5) 1995: pp. 07-41.

JUNGE, Benjamin. Seminário do LAVIVER: “‘Não gosto de ver minha família discutindo política’”: dinâmica familiar em um bairro popular recifense e subjetividades políticas em tempos de eleições”, palestra ocorrida em 07/11, no Instituto de Ciências Sociais, UnB.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologias e políticas em contextos de crise: saudades do futuro. Em: CASTRO, R. ENGEL, C. e MARTINS, R. (Orgs.). *Antropologias, saúde e contextos de crise*. Brasília: Sobrescrita, 2018. p. 24-36.

MALUF, Sônia Weidner; ANDRADE, Ana Paula Müller de. Entre políticas públicas e experiências so-



ciais: impactos da pesquisa etnográfica no campo da saúde mental e suas múltiplas devoluções. *Saúde soc.*, São Paulo, v.26, n.1, p. 171-182, Mar. 2017. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902017000100171&lng=en&nrm=iso>.

MALUF, Sônia Weidner. Por uma antropologia do sujeito: da Pessoa aos modos de subjetivação. *Campos* 14(1-2):131-158, 2013. MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In:

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314. SILVEIRA, Maria Lucia da. *O nervo cala, o nervo fala: a linguagem da doença*. Rio de Janeiro, editora FIOCRUZ, 2000.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

